

Companhia Açucareira Vale do Rosário. A etiqueta em um desbotado amarelo grudada em um antigo pôster mal revela suas borradas inscrições, mas dá indícios da imagem que acaba se expandindo para o extracampo do atual registro. Retangular, lembra e reflete _ já que existe uma fotografia do conjunto exibido em *Requadros* na qual a artista insere suas formas geométricas, de modo digital _ as intervenções de cor que Mariana Tassinari trabalhou e desenvolveu em variadas séries, desde 2005, de maneira discreta e consistente.

Requadros talvez seja o recorte de Tassinari mais próximo da arquitetura que assina, ela que antes de optar pelo curso de artes plásticas trilhou alguns anos entre as pranchetas, os croquis e as maquetes. Representa ainda um momento mais silencioso na produção da artista, quando ela demora mais na seleção das imagens a serem trabalhadas e exibidas. Tais recortes, contudo, mexidos com sutileza, evocam com mais força a especificidade desses registros.

Boa parte de *Requadros* foi captada na metalúrgica Morlan, em Orlandia, próximo a Ribeirão Preto, no interior paulista. A antiga terra roxa de lá, que turbinou a política café-com-leite da república brasileira, hoje é território para a massificada cultura de cana, com usinas ainda de grande poderio econômico. Nesses campos particulares, a planta fabril da Morlan, fundada pelo avô de Tassinari, tem uma história com traços peculiares. O projeto de Eduardo de Almeida, um dos principais nomes da escola paulista de arquitetura, a destacar estruturas e eleger o concreto como um dos seus eixos, por que não, poéticos, une simplicidade e um caráter permeável a todo o conjunto da construção. Isso transparece nas fotografias de Tassinari, que evidentemente guarda uma perspectiva afetiva _ **passou na região muitas férias de infância e adolescência _ a respeito da** edificação e cuidadosamente retira extratos imagéticos que **servem** para estabelecer sua série.

O cinza das paredes, o verde dos blocos, o amarelo esmaecido dos pôsters, o ocre das poltronas e, principalmente, o branco-gelo das lousas geram as relações cromáticas que vão guiar boa parte da sedução visual do conjunto. **Combinados numa atmosfera melancólica, esses elementos enfatizam um momento mais fragilizado da escola paulista de arquitetura, tributária do brutalismo e do modernismo na área, a evidenciar a robustez dos materiais e os diálogos entre essa presença e os vazios criados nos prédios. É como se esse discurso da arquitetura brasileira, que teve dias felizes de ressonância internacional até a década de 60, não obtivesse mais receptividade, perdesse interlocução e se desfizesse nas próprias formas.** Parece que o aspecto igualitário, concretamente trazido nos projetos de Almeida e outros grandes nomes, recuou e hoje, com honrosas exceções, sucumbiu a programas bem mais individualistas e cerrados ao público _ é só citar estilo neoclássico, condomínios fechados, shoppings/**arranha-céus** à beira de vias 'marginais' para atestarmos a derrocada do modelo. Assim, o esplendor de um movimento próprio e autoral na área parece hoje que resiste apenas em memórias, tornando o caráter vestigial tão destacado por teóricos da fotografia como Susan Sontag e François Soulages, empreendido por Tassinari, uma atitude de resistência, política. **“Uma foto não é uma prova, mas um vestígio do objeto a ser fotografado [...]; é, portanto, a articulação de dois enigmas, o do objeto e o do sujeito”¹, ressalta Soulages.**

A geometria sensível criada pela artista vai se revelando aos poucos. Se em *Requadros* as intervenções de cor são menos presentes, o trabalho em cima dos registros, via sobreposições, reenquadramentos, cortes e referências ao extracampo, é ainda forte, mas não é visível *a priori* ao observador. Em dípticos, trípticos e polípticos feitos em 2008, um de seus anos mais produtivos, existia uma ressignificação de registros triviais que, pela edição e nova ordenação dela, avançavam rumo a questões da pintura, por exemplo. Em outras séries, Tassinari parecia enfatizar que não era apenas uma artista de pós-produção, colocando, então, **sobre imagens fotográficas** o traço de desenhos bastante delicados. Hoje, em *Requadros*, ela parece assimilar

mais o que é dado, o que, diante do caos de informações e imagens, pode ser recolhido e reinterpretado, mas com uma visada menos ostensiva. **Dialoga** com a solidez do que mais nos ladeia, **'corporificada'** nos móveis tão sóbrios que cria como uma proposta multidisciplinar, a dar conforto e estimular o olhar nos momentos mais ordinários, mas não menos potentes.

Mario Gioia

Graduado pela ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), foi o curador de *Ela Caminha em Direção à Fronteira*, de Ana Mazzei, primeira individual da série de exposições *Zip'Up* em 2012, o segundo ano do projeto na Zipper Galeria (neste ano, também já houve *Lugar do Outro*, de Julia Kater, *Transmission*, de Geraldo Marcolini, *Íntima Ação*, de Carolina Paz, e *Planisfério*, de Marina Camargo). Em 2012, também fez as curadorias de *Miragem*, de Romy Pocztauruk, e *Distante Presente*, de Gordana Manic (galeria Ímpar). Em 2011, inaugurou o projeto *Zip'Up* com a coletiva *Presenças*, destinado a novos artistas (que teve como outras mostras *Já Vou*, de Alessandra Duarte, *Aéreos*, de Fabio Flaks, *Perto Longe*, de Aline van Langendonck, *Paragem*, de Laura Gorski, *Hotel Tropical*, de João Castilho, e a coletiva *Território de Caça*, com a mesma curadoria). Em 2010, fez *Incompletudes* (galeria Virgílio), *Mediações* (galeria Motor) e *Espacialidades* (galeria Central), além de ter realizado acompanhamento crítico de *Ateliê Fidalga no Paço das Artes*. Em 2009, fez as curadorias de *Obra Menor* (Ateliê 397) e *Lugar Sim e Não* (galeria Eduardo Fernandes). Foi repórter e redator de artes e arquitetura no caderno *Ilustrada*, no jornal *Folha de S.Paulo*, de 2005 a 2009, e atualmente colabora para diversos veículos, como a revista *Bravo* e o portal *UOL*, além da revista espanhola *Dardo* e da italiana *Interni*. É coautor de *Roberto Micolí* (Bei Editora) e faz parte do grupo de críticos do Paço das Artes, instituição na qual fez o acompanhamento crítico de *Black Market* (2012), de Paulo Almeida, e *A Riscar* (2011), de Daniela Seixas. É crítico convidado do Programa de Fotografia 2012/2013 do CCSP (Centro Cultural São Paulo).

1. SOULAGES, François. *Estética da Fotografia – Perda e Permanência*. São Paulo, Senac SP, 2010, p. 346